

Literatura em tempos de crise: uma reflexão sobre os romances de Rodolfo Teófilo

Adriana de Paula Moraes¹

Resumo: Rodolfo Teófilo foi um sanitarista e escritor cearense que, estando alinhado a muitas das ideias dos intelectuais pertencentes à geração de 1870, também entendeu que a escrita seria um instrumento para atuar e intervir em seu contexto social. A presente pesquisa se justifica por recuperar, de seus romances, importantes aspectos de leitura social, testemunhando uma fase da história brasileira cujos ecos ainda ressoam.

Palavras-chave: Rodolfo Teófilo; papel da literatura; naturalismo

¹ Mestranda pelo programa de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: adriana.moraes@usp.br

Temos vivido em tempos de claro ataque a toda esfera do conhecimento. Desde a ponta mais jovem, com embates entre alunos (crianças e adolescentes) e professores, e ofensivas dos pais (sociedade), até a sabotagem do ensino superior e das pesquisas com bloqueios de verbas e difamações vis.

Esse contexto (lamentável) convoca um debate, que é antes uma provocação: para que serve? E nós, da área de humanas, somos apunhalados no peito e sentimos a emergência de justificar nosso ofício no eco nefasto da indagação “para que serve?”.

No trato com a arte das palavras escritas, isto é, com a literatura, pode ser difícil responder a essa questão. Isso porque, como toda arte, a literatura nem sempre se permite, com mansidão, ser domada e classificada por critérios utilitaristas.

Houve, entretanto, um período no qual a escrita, ficcional ou não, teve protagonismo, como demonstra Sevcenko (2003), e toda manifestação intelectual era imediatamente um ato político. Os homens que integraram o movimento intelectual da geração de 1870, como Silvio Romero e contemporâneos, percebiam a escrita como missão, como instrumento para intervir na sociedade.

A partir dessa ótica, tanto a produção das obras quanto a percepção crítica partiram de critérios utilitaristas. E é nesse contexto que se insere a figura de Rodolfo Teófilo e seus quatro romances publicados na década de 90 do século XIX.

Rodolfo Teófilo, que se formou pela Faculdade de Medicina da Bahia nos anos 70, teve uma destacada participação na sociedade cearense pela ocasião da seca de 1877-1879. Além das contribuições materiais atuando como farmacêutico e sanitarista, como professor e crítico político, Teófilo deixou uma obra de mais de vinte e oito livros dos mais variados gêneros.

Em 1890 estreia como romancista e publica *A fome*, cujo enredo é a terrível migração de uma família aristocrática, do campo para Fortaleza, cidade já inflada de retirantes flagelados e minada por diversos problemas. Capitaneada pelo patriarca Manuel de Freitas, a família tenta sobreviver à seca, à fome, a todo tipo de vilania e à varíola que eclode de forma epidêmica.

Em 1895 Teófilo publica *Os Brilhantes*. Esse segundo romance é dedicado a narrar a vida de Jesuíno Brilhante um célebre cangaceiro. A narrativa compreende a vida pacata e simples de vaqueiro levada por Jesuíno, o advento transformador e gatilho

para fazer acordar nele o ímpeto do assassinato e sucessivas batalhas entre o bando formado por Jesuíno e seus inimigos.

Dois anos depois, em 1897, o romancista publica *Maria Rita*. Mais delicado que os dois romances anteriores, esse livro conta a história de amor entre Maria Rita e Joaquim Queirós, um casal que precisa lutar contra as artimanhas e crueldades dos antagonistas para ficarem juntos.

Por fim, em 1899, Teófilo publica *O Paroara*, obra que narra a luta, as ilusões e a tragédia de João das Neves, um sertanejo que resistira à seca de 1877-1879, crescera, constituíra família, mas diante da inclemência da terra e das seduções dos paroaras, acaba migrando para a Amazônia.

Em todos esses textos o autor prioriza funções como o registro, a apresentação e a denúncia da terra, do homem, dos costumes, do clima, das dores e dos crimes cometidos e vividos, desde o período colonial. Assim como acontece com seus contemporâneos, os romances dão a ver diversas características e princípios tomados das “ideias novas” advindas da Europa como o darwinismo e o positivismo, por exemplo.

Jesuíno Brillhante é filho de fazendeiro, vaqueiro excelente, compreende os fenômenos naturais e sabe ler a natureza pelo viés científico, que supera e desacredita toda superstição e credence popular, como as famosas “experiências” do sertão. O cangaceiro ilustrado consegue enfrentar a seca e proteger todo o ajuntamento que se forma nas proximidades de seu esconderijo – coisa que o poder público, com as ferramentas do Estado, não consegue.

Mourão, o padre de *O Paroara*, é, talvez, o exemplo mais agudo do papel redentor e purificador do racionalismo. Descendente de uma célebre família de assassinos, Mourão toma outro rumo, vai para o seminário, estuda e se aprofunda, resultando em um sacerdote honrado, temente aos princípios de Cristo, humilde (no extremo do conceito) e virtuoso. Em oposição aos seus ascendentes que tiravam vidas, ele é responsável por proteger alguns desvalidos dando tudo de si. Pelo peso da ilustração Mourão escapa ao fatalismo biológico hereditário.

Rodolfo Teófilo usa esses homens esclarecidos, racionais e profundamente ligados à terra para servir de contraste aos personagens que migram para fora do Ceará. A emigração foi um grave problema e Teófilo enfrentou com energia essa temática

complexa. Um dos brados reconhecíveis nesses romances é o que apela para o cearense não virar as costas para sua terra, não importa o que aconteça. Inácio da Paixão, coadjuvante em *A fome*, é o oposto de Freitas: cede aos vícios, é ludibriável e não tem coragem bastante para resolver os transtornos que causa. A saída que encontra é a fuga para Amazônia, atrás de vantagens e dinheiro que reponha seu erro (perder o dinheiro de Freitas no jogo) e lhe conceda conforto. Para o enredo folhetinesco de *A fome*, a fuga de Inácio permite o desenlace dos conflitos no final a modo de *deus ex machina*. Por outro lado, em *O Paroara*, a partida de Neves não tem como ser atenuada: para o narrador ele é um traidor da terra, da esposa, dos filhos, da boa vontade da comunidade. E é mesmo necessário que assim fosse dado o objetivo central desse romance, afirmado muitas vezes em público pelo autor: “Combati a emigração em todos os meus livros de seca, em prosa em verso; por fim escrevi um romance de propaganda contra a emigração – *O Paroara*”².

Como ato político e instrumento de intervenção social, Teófilo ensaia interpretações e propostas alterando entre o anseio pela realidade e a necessidade de fantasia. Dessa forma, esses livros chocam pela realidade exposta à moda naturalista ao passo que envolvem o leitor com estratégias e cenas que beiram o fantástico, seja por traços românticos como na cena em que Freitas luta com uma onça, ou por traços de horror em cenas que exibem famintos canibais, corpos em avançada decomposição e pessoas sendo torturadas.

Tome-se como exemplo a morte de Quitéria do Cabo, a senhora que ajuda Simeão em seus planos maléficos em *A fome*. Essa personagem encarna a anticiência, a superstição, a crença popular, a hipocrisia religiosa, a astúcia e o arдил para criar ciladas, a ganância e a mais completa ignorância, dado que mal sabe reconhecer o valor nas notas de dinheiro e não sabe ler. Todas essas características, que são uma ameaça ao progresso, são castigadas em sua morte. A personagem agoniza por um capítulo inteiro e morre sozinha, sem socorro, impedida de falar ou gritar, queimando em febre pelo pior tipo de varíola: a hemorrágica. O longo episódio castiga desmedidamente uma personagem que nem é parte do núcleo principal da narrativa. Do ponto de vista moral ou apenas da receita folhetinesca, caberia a Simeão o pior castigo. Mas é sobre Quitéria que recai a fúria da consciência civilizatória. E haja estômago para atravessar o capítulo

² Teófilo, R. *Emigração Cearense*. In: *A Reforma*. Acre, 21 de fevereiro de 1926. p.1

de sua morte e o capítulo de seu enterro. O narrador não tem pressa e dá detalhes do agravamento da doença. Vemos as pústulas deformando todo seu corpo. Mas pior é sua decomposição. Tendo morrido sozinha, só percebem algo errado quando urubus cercam a casa. Era prática do tempo a condução dos mortos com pés e mão atadas a um bambu, contudo, ao tentarem erguer Quitéria, ela se desfaz e os carregadores precisam recolher tudo e colocar em um saco.

E esse é apenas um de vários episódios no qual Rodolfo Teófilo intensifica o uso do feio entre os recursos de que necessita para estruturar sua literatura comprometida com um ideal geracional, um certo projeto de sociedade.

Referências Bibliográficas

- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2.ed., ver. e amp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TEOFILO, R. *A fome: cenas da secca do Ceará*. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922.
- _____. *A fome; Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- _____. *A fome: Cenas da seca do Ceará*. São Paulo: Tordsilhas, 2011.
- _____. *A fome: cenas da sêcca do Ceará*. Fortaleza: Gualter R. Silva, 1890.
- _____. *A fome*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- _____. *A Seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- _____. *História da secca do Ceará (1877 a 1880)*. Fortaleza, Imprensa Inglesa, 1922.
- _____. *Maria Rita*. Fortaleza, Typ. Universal, 1897.
- _____. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Estado do Ceará, 1974.
- _____. *Os Brilhantes*. Fortaleza: Minerva, 1906. 2ª ed.
- _____. *Os Brilhantes*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2017. 5ª ed.
- _____. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Tip. Comercial, 1924.
- _____. *O reino de Kiato*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1922.
- _____. *Secas do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1901.
- _____. *Violência: liceu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará e Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. (Edição fac-similar).